

Elas, as poetisas...

Emquanto no Velho e no Novo Mundo a Mulher luta, em quasi todos os paizes, pelas regalias politicas e pela liberdade de acção, invadindo todas as profissões, declamando nos comicios, arrostando as mais violentas lutas, Portugal dá-nos, gentilmente, sonoros nomes de moreninhas e liricas poetisas...

Este Portugal querido do fado, quinta das lágrimas onde os rouxinoes medem versos, gorgendo pelos vales, á tardinha, e as cartas das sopeiras acabam sempre n'uma quadra, que é um soluço sentimental, não podia, de forma alguma, desmentir as nobres tradições herdadas da Provença atravez o próprio estro dos nossos Reis e Infantes, tradições gloriosas que, além de nos terem dado a melodiosa tristeza de Bernardim e as peregrinas bucólicas de Rodrigues Lobo, fizeram de cada gastrónomo do século XVIII um fertil improvisadôr...

E a verdade é que, se Camões foi grande cantando em largo metro o esplendôr da nossa Epopeia, Nicolau Tolentino ganhou a immortalidade apenas por cantar, saborosamente, o Perú...

Tenho eu, e temos todos, as mãos doridas de tanto aplaudir as deslumbrantes Estrelas que debutam, cada semana, na montra dos livreiros — palcos estreitos que são antes gaiolas onde a sua Emoção fica presa, comó os grilhões...

Cantar, é, de resto, uma função meridional e honesta, e se a Arte em todas as sociedades humanas surgiu com a Poesia, é natural que as interessantes senhoras, agora no inicio da sua carreira intellectual, prefiram o verso para nos dizerem o sortilégio dos seus amores, as contas das suas modistas, ou, muito simplesmente, a complicada psicologia das suas cosinheiras...

As senhoras portuguesas cantam, — muitas vezes, talvez, como na toada antiga, «com vontade de chorar»...

Sou dos que sabem de cor o provérbio árabe onde se manda que não se bata n'uma mulher nem com uma flôr...

Mas, meus amigos, se não devemos maguar a senhora, porque é *chic*, (ainda que ela seja pedante e irreverente), cuidando em venera-la com adjectivos excelentes, á Lamartine, sempre atentos ás suas modas e aos seus caprichos, a intelectual, todavia, exige do nosso criterio um pouco de atenção, para fugirmos á injustiça (que é uma imoralidade) de confundirmos o autêntico valôr com a moeda falsa...

Diante d'uma obra de Arte, por respeito a ela mesma, entendo que todos nós devemos pôr de parte as nossas amizades e as nossas galanterias...

E a verdade manda que se diga que a quasi totalidade da literatura feminina dos ultimos tempos não merece as palavras de louvor com que a imprensa a tem saudado n'uma carolice de banalidades, onde o jornalista parece querer-nos convencer, (oh, ceus! ha cada jornalista!...) pela subtiliza do estilo, que frequenta os salões da moda, desde petiz...

Só desta forma achava bem o panigirico — em versos tão bons como os das autoras.... Acrósticos, por exemplo...

Só a um reporter do *Hig-Life* isto não pode repugnar — que a Poesia, «linguagem dos Deuses» como veneram, damente, os quinhentistas a consideravam, sendo, (como é), em toda a nossa Literatura a sua mais maravilhosa riqueza, desde o ritual greco-romano dos Clássicos, ou a ingenuidade pastoril das Arcádias, ao luar maguado dos Românticos, ao sarcásmo dos Satânicos, e á cromia preciosa dos Simbolistas, que ela nos apáreça agora, com o bibe dos colégios, transformada em Manual dos Namorados, — sem outro ideal além de pôr em compasso de valsa os beijos que ela lhe deu, sem ele os compreeudêr, e as horas que ela o esperou, e êle sem vir...

A Arte tem uma função mais nobre do que a de rimar miadinhos de amôr... Todo o assunto dá Arte. mas é preciso que dê Arte pelo talento de o pôr em relevo, de o arrancar á montureira imensa das coisas torpes do Universo onde naufragam todas as nulidades!

Compôr versos como a menina se habituou a bordar, a tocar piano, ou a pintar, quer dizer, como prenda. isso é,

sem duvida, muito picante para os serões com os primos, e muitissimo interessante para brilhar nos albuns das praias, mas, quando essa veleidade agrava a crise do papel e incomoda os nervos dos leitores demasiadamente confiados, é forçoso que ela se combata, precisamente como se um rapaz impertinente se julgasse um extraordinario poeta vasando pensamentos frouxos em versos de pé quebrado...

Aparece uma menina que desenha caricaturas das pessoas das suas relações; e logo os jornais aclamam, com mirabolâncias de tropos, o génio da menina... Outra menina escreve um soneto: e, atabalhoadamente, a correr, as gazetas vêm garantir-nos o imenso, o formoso talento do novo prodigio...

Mais devagar, senhores, mais devagar!

Creio que todos nós, (eu, como os senhores), temos o desejo honesto de aclamar os génios, mas das precipitações só nos podem vir equívocos, e, ou sois homens galantes, ou sois criticos de Arte... A mascara, não! Para que nos intriga o jornalista?...

A poetisa tem uns lindos olhos?

Muito bem! Elogiemos, caramba, os olhos da poetisa, os cabelos, a boca, os próprios pés, se acaso também são belos... Mas os seus versos não prestam?... Não seria mais util corrigir-lhos?!...

Os cogumelos têm uma extraordinária semelhança com as poetisas: além de se reproduzirem prodigiosamente, usam chapéu, como elas, e, se ha alguns saborosos e succulentos, outros todavia envenenam perigosamente...

As poetisas fazem hoje, em Portugal, um mundo á parte, quasi uma seita...

Assim o entendeu uma muito illustre escritora quando usou o titulo de *Nós, as poetisas*... na conferência que ha semanas realizou no Nacional.

Nessa conferência, a que fui, procurando obter preciosos dados criticos, psicologicos, interpretativos, ou apenas anedócticos das escassas mulheres de letras de que nos fala a história da nossa Literatura, só encontrei fumo devaneadôr, e, acima de tudo, referências a uma intérmima série de senhoras e meninas que publicam versos e, mo-

destamente, — se occultam sob o misterio dos pseudonimos...

Ora isto é tão pouco para uma conferência que a illustre senhora teve, no final, a coragem civica de afirmar que «nada dissera»...

Comtudo, uma coisa houve que não esqueci... Foi suggerida ahi a idea d'um Sarau de Poetisas, a que todas concorressem com as suas composições, lendo-as...

Ainda outro dia o cacarejar do Serão dos Poetas com o Snr. Julio Dantas d'Almeida Garrett a pontificar, de casaca e comendas, agora a expectativa d'um Serão de Poetisas, — que, ao menos, é verdade, nos ha-de dar, (se se rialisar) a idea amavel d'um gorgeio de passarinhos...

Elas, as poetisas!...

E' certo, porêm, que entre as conferencias politicas de Veva de Lima e os versos amorosos das Onze Mil Virgens, eu ainda prefiro estes, — á hora do chá, com bombons e torradas...

José Dias-Sancho.

Vida artistica parisiense

Van Dougen e Monticelli -- Dulcan e a «Maternité» -- A feira de Paris e a «Communa das Artes»

Pois é a tal feira, o tal manicomio de que já falei a V. Ex.^{as}... Todos os dias ha mil *faits-divers* que desopilam os burguezes e nos fazem meditar uma boa hora, a nós os sensiveis da existencia. A nossa pobre espinha dorsal soffre a cada dobrar da esquina da vida um trémulo estranho, que nos obriga a parar assustados, para depois vibrarmos mais intensamente com todos os pequeninos nadas que nos levam á ruina total do coração. Presumo que os grandes jogadores em pleno soffrem igualmente du-